

Jorge de Sena entre nós

Gilda Santos*

Ele é o poeta Jorge de Sena. Poderia ser o Jorge de Sena ficcionista, ensaísta, dramaturgo, conferencista, epistológrafo, articulista político etc. etc., mas é o Jorge de Sena poeta, porque acima de tudo poeta se considerava Jorge de Sena e com o olhar de poeta recriou, examinou e testemunhou tudo que, em escassos 58 anos e 7 meses, a vida lhe permitiu.

Nós, nós somos os seus leitores, e à roda dele e de sua poesia aqui nos reunimos, a festejar um bem vindo centenário e os 20 anos da Cátedra que, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o tomou como patrono. Somos uma centena, de várias áreas do conhecimento, de várias filiações institucionais, de várias idades, de vários quadrantes, irmanados pelo desejo de reverenciar o poeta que em 2019 completaria 100 anos de nascimento. Ler sua poesia e comentá-la é o gesto mágico de presentificar o criador e trazê-lo aqui para o meio de nós, a brilhar mais intensamente do que aquela “pequenina luz” que ele um dia cantou.

E como ler poesia, para lá do fruir, significa também desvendar, desatar e reatar os nós de que o tecido poético se faz, aqui estamos, neste número especial da *Metamorfoses*, a apontar ou buscar linhas de leitura, movidos pelo intuito de valorizar e dar a conhecer, de maneira clara e concisa, retalhos expressivos de tão descomunal obra poética.

De um universo que abeira os 2.000 poemas, os cem leitores-convidados tiveram livre escolha do texto seniano a comentar, quer pelo veio mais hermenêutico, aqui agrupado na seção “Verbetes e variações”, quer pelo veio mais criativo, com os versos de Sena tomados como “mote”, patente na seção “Glosas”. No cômputo final deste *corpus*, dadas as alusões e cruzamentos intertextuais, ainda ultrapassamos os 100 títulos enunciados no “Sumário”.

Para tecermos (ou destecermos) essa poesia seniana, o próprio autor nos fornece seguros instrumentos. Numa visão de conjunto, diz-nos que sua produção em versos é o “diário poético de uma testemunha”, o que, à partida, justifica a quase obsessão em datar cada poema, abrindo cortinas, sem medo ou pudor, para o biográfico e o contextual.

Posto isto, é importante saber que este Senhor Engenheiro, “Nascido em Portugal, de pais portugueses”, cedo se sentiu *displaced* em sua pátria (“Fui sempre um exilado, mesmo antes de sair de Portugal”), quando se percebeu envolto pelos irrespiráveis, ou “inefáveis”, ares salazaristas. Leitor voraz já na tenra infância, poeta desde a adolescência e com o primeiro livro de poesia publicado aos 23 anos, sua consciência de intelectual precocemente formada não lhe permitia pactuar com o regime repressivo do Estado Novo. Para escapar, ousou um salto no escuro em 1959, vindo para o Brasil sob a justificativa de participar de um concorrido congresso internacional de Estudos Luso-Brasileiros, na Bahia. A seguir, no estado de São Paulo, iniciou sua carreira de professor universitário, nas recém-fundadas Faculdades de Letras de Assis, de Araraquara e de S. José do Rio Preto. Tornou-se também “pai de brasileiros nos Brasil”, acrescentando mais dois filhos aos sete portugueses que ele e sua amada Mécia já tinham gerado.

A “fase brasileira” de Sena, iniciada sob o signo da liberdade que a era Juscelino Kubitschek cultivava, estende-se até 1965 e é espantosamente produtiva: a par dos encargos acadêmicos, são numerosas e de excepcional qualidade suas publicações em poesia, ficção, teatro, ensaio, reflexão política... Deste último tópico, cabe destacar a intensa colaboração no jornal antisalazarista *Portugal Democrático* – fundado em 1956 na cidade de São Paulo por exilados políticos –, onde, enfim, sem riscos, pode abertamente declarar suas convicções sobre pátria, governo e cidadania e chorar a “dor de haver nascido em Portugal / sem mais remédio que trazê-lo n’alma”. É ainda inebriado pela segura liberdade que produz muitas páginas “brasileiras” de

experimentalismo formal, narrativas contundentes, peças sarcásticas e suas alentadas e inovadoras teses camonianas.

No entanto, sobrevém o golpe de 1964, “ou a salvação do Brasil em 1º de abril” (como o ironizará num poema), tornando corriqueiros os rituais persecutórios que Sena e Mécia bem conheciam. Incapazes de aceitar repetidas tais experiências, o novo salto se dá, em 1965, para terras norte-americanas – mais precisamente para Madison (até 1970) e Santa Barbara (até 1978) – onde Sena consolidará sua carreira docente, à qual acrescentará a Literatura Brasileira, e ampliará seu reconhecimento internacional, haja vista o Prêmio Etna-Taormina, recebido em 1977. Essa “fase americana”, sem perda da produtividade costumeira, marca-se por um desdobrar de viagens, sobretudo pela Europa e África, pontilhadas de palestras e conferências. Digressões claramente registradas na poesia deste “escritor português, cidadão brasileiro [naturalizado] e professor norte-americano”, como gostava de se apresentar.

Mais pistas para a leitura de sua poesia, Sena as ponteia aqui e ali, seja nos célebres prefácios, posfácios e notas com que circundava seus livros, seja em versos lapidares, que sintetizam muito de seu fazer poético. Exemplo do primeiro caso é aquele famoso prefácio a *Poesia I*, datado de “Assis, 1960”, em que nos expõe a sua “poética do testemunho”, como resposta pessoal à “poética do fingimento” – desafio incontornável a todos os poetas portugueses que sucederam o heteronímico Fernando Pessoa:

Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que sejam de facto. Testemunhar do que em nós e através de nós, se transforma, e por isso ser capaz de compreender tudo, de reconhecer a função positiva ou negativa (mas função) de tudo, e de sofrer na consciência ou nos afectos tudo, recusando ao mesmo tempo as disciplinas em que outros serão mais eficientes, os convívios em que alguns serão mais pródigos, ou o isolamento de que muitos serão mais ciosos – eis o que foi, e é, para mim, a poesia.

Sublinhe-se o quanto essa profissão de fé, de cariz humanista, reafirma o viés biográfico/contextual já indiciado, e repercute em versos como aqueles

de “Os trabalhos e os dias”: “Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro/ e principio a escrever como se escrever fosse respirar/ [...] Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem/ [...] este papel, esta mesa, eu apreendendo o que escrevo.”

Outros versos, como o emblemático “De amor e de poesia e de ter pátria aqui se trata”, (em “Aviso de porta de livraria”) aclaram pontos temáticos fulcrais do conjunto de sua poesia (e não só). Pontos temáticos a repercutirem igualmente nos próprios títulos de seus livros, que bordam uma lúcida e coerente trajetória, bem explicitada em outro prefácio – a *Poesia* III, escrito em Santa Barbara, 1977:

O homem corre em *perseguição* de si mesmo e do seu outro até a *coroa da terra*, aonde humildemente encontrará a *pedra filosofal* que lhe permite reconhecer *as evidências*. Ao longo disto e depois disto e sempre, nada é possível sem *fidelidade* a si mesmo, aos outros e ao que aprendeu/desaprendeu ou fez que assim acontecesse aos mais. Se pausa para coligir estas experiências, haverá algum *Post-Scriptum* ao que disse. Após o que a existência lhe são *metamorfoses* cuja estrutura íntima só uma *arte de música* regula. Mas, tendo atingido aquelas alturas rarefeitas, andou sempre na verdade e continuará a andar, os passos sem fim (enquanto a vida é vida) de uma *peregrinatio ad loca infecta*, já que os “lugares santos” são poucos, raros, e, ainda por cima altamente duvidosos quanto à autenticidade. Que fazer? *Exorcismos*. E depois vagar como Camões numa ilha perdida, meditar *sobre esta praia* aonde a humanidade se desnude, e declarar simplesmente que terminamos (e começamos) por ter de declarar: *Conheço o sal...* sim, o sal do amor que nos salva ou nos perde, o que é o mesmo. O mais que vier não poderá deixar de continuar esta linha, sobretudo *fidelidade* “à honra de estar vivo”, por muito que às vezes doa.

Uma vez caracterizada a unidade de sua criação poética, cuja envergadura monumental ninguém ousa contestar, cabe inquirir sobre os legados de Sena às posteriores gerações. E talvez ainda não haja melhor resposta do que aquela que devemos a Eduardo Prado Coelho, publicada em fins dos anos 80, no livro *A noite do mundo*, ao nomear Sena como uma das “figuras tutelares” da poesia do Portugal de então: “De sua obra tão diversa, tão tumultuosa, tão irregular, sempre tão apaixonada e apaixonante, seria difícil dizer que não condiciona, em níveis diversos, quase tudo o que a poesia portuguesa contemporânea considera e partilha”. E atribui-lhe pioneirismos como “a posição de revolta permanente contra a globalidade do sistema”;

“um hábito e uma prática de convívio entre as diversas áreas da actividade artística”, ao abrir o diálogo da poesia com as artes plásticas, ou a música, ou o cinema; “um discurso de grande densidade conceptual” e ainda o introduzir na poesia portuguesa uma “linguagem da sexualidade”, que rompe com convenções e propõe uma demarcação “entre o espaço da relação amorosa e o espaço da demanda sexual”, o que “veio tornar muitas outras coisas possíveis à poesia portuguesa mais recente”. E hoje sabemos que não são poucos os poetas portugueses a confessarem “as ideias, as palavras, as imagens/ e também as metáforas, os temas, os motivos/ os símbolos e a primazia [...] de uma língua nova” que auferiram com proveito nessa ponderosa herança poética.

Eis aí, em rápidos cerzidos, alguns fios a traçarem uma leitura mais proveitosa da coletânea que agora vem à luz, constituída de originais e argutas apreciações sobre poemas de todos os livros revistos pelo autor, bem como dos póstumos – organizados pelas mãos sempre apaixonadas e diligentes da sua incansável Mécia.

Assim, no horizonte do compartilhado nas páginas seguintes, é impossível não confessar a esperança de atrair ainda mais leitores-fruidores, que nos deem as mãos e alarguem em sinergia esta nossa roda à volta do poeta Jorge de Sena.

Como palavra final, um enorme agradecimento a quantos aderiram a este projeto e o metamorfosearam em concretude.

* Professora da UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976-2006), onde criou a Cátedra Jorge de Sena (1999). Vice-Presidente do Real Gabinete Português de Leitura, aí instituiu (2001) e coordena o PPLB-Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras. Privilegiando o estudo e difusão da obra de Jorge de Sena, sobre o autor organizou várias publicações e responde pelo site a ele dedicado: www.lerjorgedesena.letas.ufrj.br